

Na Expansão, boné, bermuda e “oitão”

Na Ceilândia, menino cresce rápido. Quando a mãe vai ver, já não há tempo para dengo ou para colo. O filho cresce e a vida o transforma. O mundo vence, mas nem sempre o amor. Ser criança nas áreas pobres da Ceilândia significa viver tão intensamente a dor do dia-a-dia, a batalha pela sobrevivência e a necessidade de se proteger, que rapidamente cada menino vira homem.

As histórias do menor N.D.M., 15 anos, sem sorrisos — nem dentes para sorrir —, mostram que aquele brilho de esperança e sonhos de juventude ficou para trás, escondido em algum lugar.

“Morar na Expansão do Setor O e não comprar um revólver é pedir para morrer”, conta N.D.M., que há pouco tempo comprou um, calibre 38, na chamada Feira do Rolo, próximo à praça dos Eucaliptos.

Em junho, por causa de uma briga com três outros menores, que lhe roubaram um tênis, uma bermuda e um boné, Noel (nome fictício) quase foi morto na porta da escola.

Na noite em que foi assaltado, às 23h, ao invés de deixar seus atacantes fugir, foi em casa, pegou o “oitão” e correu atrás deles.

O QUE É:

■ Organização não-governamental (ONG) que tem como objetivo trabalhar positivamente a imagem da Ceilândia, no Distrito Federal, no Brasil e no exterior. Busca o desenvolvimento econô-

VIVA A CEILÂNDIA

O QUE FAZ:

■ Promove ações para a superação dos problemas atuais pelos quais Ceilândia passa. Quer despertar no cidadão o desejo e a crença no futuro.

■ Articula indivíduos e instituições expressivos de várias classes sociais, dos setores culturais, re-

mico, a partir de parcerias, para a resolução de problemas. É formada por empresários, advogados, estudantes secundaristas, universitários, representantes das Igrejas Católica e Evangélica, comerciários, professores e diretores de escolas.

ligiosos, empresariais e políticos.

■ Discute temas como segurança pública, economia, paz social e orgulho do lugar vivido.

■ Para participar ligue para 371-2125, 989-7062, 371-7062, ou 585-4384.

SURRA

“Estava com um tio meu, que é mais velho e tem amigos policiais. Encontramos os menores, mandamos que deitassem no chão e recuperamos as roupas. Depois, os levamos de carro para o Plano Piloto e mandamos dar uma surra neles”, conta Noel, sem se arrepender de nada.

“Não foi certo o que eu fiz com eles, mas o que eles fizeram comigo também não foi”, conclui, no

melhor estilo elas por elas, olho por olho, dente por dente.

Uma semana depois, quando foi à escola, Noel viu os três, em um carro, em frente à porta do colégio em que estuda, na EQNO 17. Um deles estava com uma pistola 765 e o outro apontou um “oitão”.

Noel correu para dentro dos muros e foi protegido pelos professores, que mais tarde o deixaram na casa da avó.

Ele encara essa história com naturalidade e acha graça da curiosidade ingênua de quem vem de fora e quer saber detalhes da aventura. Segundo Noel, é comum, na Expansão do Setor O, meninos de 11, 12 anos, usarem, por dentro da roupa, pistolas como a nº 12, de dois canos. “Aqui é assim. O cara ficou com raiva, mete bala”.

Será que ele não tem medo de morrer? “Claro que não, a vida é assim.”